

# PROBLEMAS DA TRANSIÇÃO DO BRONZE FINAL PARA A IDADE DO FERRO EM TRÁS-OS-MONTES ORIENTAL: PRIMEIRA NOTÍCIA SOBRE O ESPÓLIO CERÂMICO DO SECTOR M DA FRAGA DOS CORVOS (VILAR DO MONTE, MACEDO DE CAVALEIROS)

JESSICA LEVY REPREZAS

Universidade de Lisboa  
jessicareprezas@gmail.com

## RESUMO

A Fraga dos Corvos, sítio arqueológico em estudo desde 2003, tem proporcionado informação abundante, já dada à estampa, sobre os inícios da Idade do Bronze em Trás-os-Montes Oriental. Nos Verões de 2011 e 2012, foi aberta uma nova sondagem no cabeço – o “Sector M” – implantada numa plataforma sobranceira a uma muralha em talude. O espólio exumado (cerâmico e metálico) revelou significativa ocupação humana enquadrável nos momentos terminais da Idade do Bronze / transição para a Idade do Ferro. Para além de um importante conjunto metálico de filiação mediterrânica, denunciador do estreitamento das relações com ambientes meridionais, os fragmentos cerâmicos, (nomeadamente aqueles dotados de decoração, universo artefactual em torno do qual se tecem estas considerações) apontam para a manutenção de contactos supra-regionais preferenciais, concretamente com a Meseta Norte.

**Palavras-chave:** Fraga dos Corvos; Trás-os-Montes; Bronze Final; Idade do Ferro; cerâmica decorada.

## 1. INTRODUÇÃO

A presente comunicação decorre dos resultados preliminares relativos ao espólio cerâmico do Sector M da Fraga dos Corvos, novo sector do sitio arqueológico em estudo desde 2003.

A Fraga dos Corvos é um esporão rochoso situado na vertente noroeste da Serra de Bornes, freguesia de Vilar do Monte, concelho de Macedo de Cavaleiros, distrito de Bragança. As características geográficas, geológicas e a natureza do coberto vegetal encontram-se já vastamente publicadas noutros lugares (Luís, Reprezas e Senna Martinez, 2011).

As intervenções arqueológicas no sitio arqueológico arrancaram em 2003, no decorrer da identificação de materiais atribuíveis à Idade do Bronze descobertos em actividades agrícolas levados a cabo no cabeço. A plataforma denominada “Sector A” foi escavada em área desde então, estando a ocupação das primeiras fases da Idade do Bronze satisfatoriamente caracterizadas.

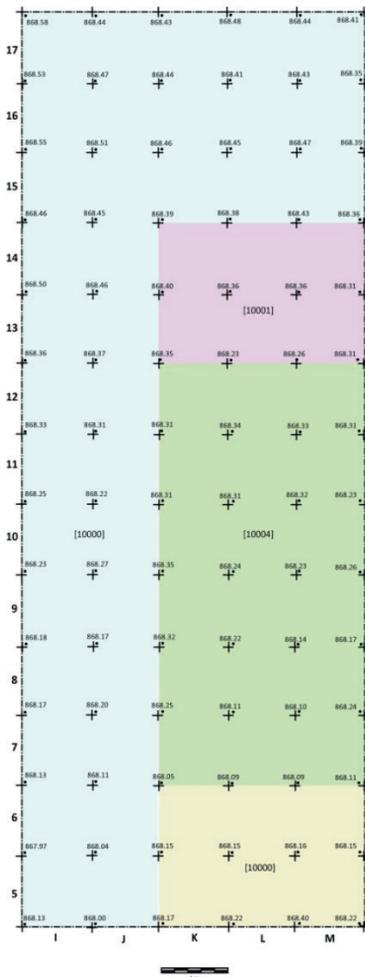
A presença de uma “muralha em talude” que circunscreve o cabeço, entretanto afectada pela abertura de um estradão florestal, sempre apontou para a possibilidade de ter existido uma ocupação cronologicamente mais recente, e motivou uma intervenção de limpeza e levantamento gráfico desse mesmo corte na muralha. No decorrer desses trabalhos foi identificada, no miolo da estrutura, uma fíbula de filiação mediterrânica (tipo *Bencarron*), facto que fundamentou a necessidade de intervir numa nova área, no sentido de melhor caracterizar a ocupação humana reportável a esse intervalo de tempo. A esta nova área atribui-se a designação de “Sector M”. (Fig.1).

## 2. RESULTADOS DA 1ª CAMPANHA DE ESCAVAÇÕES NO SECTOR M

A primeira campanha de escavações do Sector M pautou-se, numa primeira fase, pelo diagnóstico da potência estratigráfica do cabeço, bem como do estado de conservação das unidades estratigráficas identificadas. Desta forma, foram abertas duas sondagens fisicamente independentes, uma sobranceira à muralha, e uma outra numa área mais central do sector (sondagens A e B). A confirmação da existência de potência estratigráfica conservada, com materiais arqueológicos homogéneos, motivou o alargamento em área em duas fases (sondagem C e alargamento final). (Fig.2).

A campanha de 2011 permitiu identificar vários momentos da presença antrópica na plataforma, desde os mais recentes (episódios de plantio e reflorestação datáveis de meados do séc. XX – fig.3) até àqueles que se reportam à pré-história recente. Neste caso, foram identificados três momentos (“fases”) distintos, que agrupam unidades estratigráficas diversas. Um primeiro momento diz respeito a uma sequência de “pisos”; depósitos horizontais e compactos, de pouca espessura, perturbados por estruturas negativas de natureza antrópica, e que se circunscrevem à zona Norte da sondagem, aquela menos afectada por processos destrutivos recentes (Fig.4). Sob estas realidades, e ocupando toda a extensão da sondagem, foi identificada uma U.E. pétreia, com poucos materiais arqueológicos, e cuja interpretação na estratigrafia do sitio é ainda pouco clara. Corresponderá seguramente a uma acção antrópica, de “selagem” da realidades precedentes, e/ou relacionada com a construção da própria muralha (Fig.5). Por fim, e sob esta unidade estratigráfica, foi identificada a Sul um depósito escuro e orgâni-

Fig.1 – Localização dos Sectores A e M no cabeço da Fraga dos Corvos.



FCORV-M 1(2011)  
[10000=10001=10004]

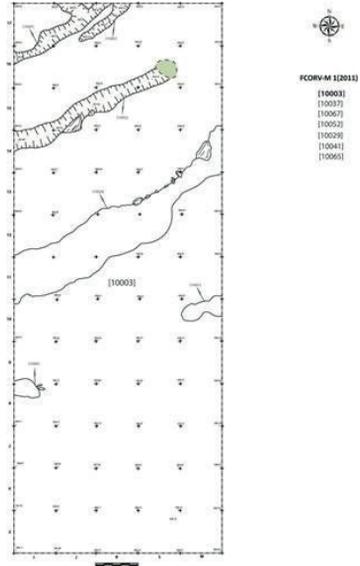


Fig.2 – Sondagens abertas e área final da intervenção da campanha de 2011.



Fig.3 – Valas recentes de plantio e reflores-tação da plataforma.

Fig.4 – “Pisos” conservados na zona Norte da sondagem, e respectivas estruturas negativas.



co, com materiais arqueológicos abundantes, nomeadamente fauna e metais, que foi nesta campanha apenas aflorada. Cremos que esta U.E. seja o topo da ocupação da plataforma propriamente dita, enquanto as realidades que se lhe sobrepõem sejam momentos residuais da presença humana, relacionadas com o abandono ou com as fases terminais dessa ocupação (Fig.6).

### 3. PROBLEMAS TEÓRICOS DA INTERPRETAÇÃO DO SÍTIO

Trás-os-Montes oriental é, efectivamente, uma zona caracterizada de forma muito deficitária do ponto de vista arqueológico, especialmente para os períodos terminais da Idade do Bronze e alvares da Idade do Ferro. A sua caracterização passará, obrigatoriamente, pelo menos nesta fase inicial, pelo estabelecimento de nexos comparativos com as suas regiões vizinhas, sobretudo enquanto não existirem datações radio-carbónicas para a Fraga dos Corvos.

A já descrita recolha de uma fíbula de tipologia *Bencarrón*, de filiação mediterrânica, e a sua correspondência tipológica com o espólio metálico do Abrigo do Sector A, sempre motivaram o enquadramento do Sector M no Bronze Final. Este pacote artefactual, de tendência orientalizante, é efectivamente frequente neste período cronológico em regiões mais meridionais.

A prossecução da escavação no Sector M, revelou, no entanto, uma quantidade anómala de artefactos metálicos, que, apesar da sua tipologia, surgem numa quantidade difícil de explicar, sobretudo quando assumida uma cronologia onde se crê que os contactos com os mundos do meridional fossem muito raros, e não sistemáticos. Por outro lado, o espólio cerâmico inicialmente recuperado não forneceu respostas satisfatórias que pudessem afinar as propostas cronológicas até então ensaiadas, acima de tudo por ser em tudo semelhante ao conjunto do Sector A. A metalurgia foi, efectivamente, durante uma fase inicial, o único indicador concreto da *decalage*

cronológica entre os dois sectores. Indicadores de um intervalo cronológico possivelmente mais alargado foram encontrados na cerâmica de excepção, nomeadamente os fragmentos decorados, que permitiram repensar o lugar da Fraga dos Corvos no tempo.

#### 4. O ESPÓLIO CERÂMICO DO SECTOR M – QUESTÕES PRÉVIAS

Os trabalhos arqueológicos no Sector M estão ainda numa fase inicial, pelo que os resultados que aqui se apresentam são necessariamente provisórios. Assim, antes de se apresentar dados estatísticos definitivos, pretende-se assinalar tendências de fabrico.

Há, como já foi dito, do ponto de morfológico e das técnicas de fabrico, semelhanças assinaláveis entre ambos os sectores, o que nos leva a crer na permanência no tempo e no espaço das comunidades da Fraga, e no conservadorismo acentuado com que pautam a sua existência.

##### 4.1. O fabrico

A esmagadora maioria dos recipientes é de fabrico local, produzidos com recurso a matérias primas disponíveis no território e moldados manualmente. A excepção é apenas um fragmento produzido a torno (Luís, *et al*, 2012). As cozeduras são predominantemente reductoras com arrefecimentos oxidantes, facto que configura uma novidade relativa, uma vez que os recipientes do sector A apresentam cozeduras reductoras quase na sua totalidade. Esta diferença pode indiciar algum tipo de mudança nos hábitos de fabrico, concretamente na gestão dos processos de cozedura. Quanto aos tratamentos de superfície, observa-se o predomínio do alisamento simples, alguns exemplares espatulados, *cepillados* e, mais raramente, dotados de brunimento.

##### 4.2. A Morfologia

As formas identificadas no Sector M encontram, grosso modo, correspondência directa com o Sector A – formas patentes na tabela tipológica proposta por Elsa Luís na sua tese de Mestrado (2010). Neste caso, encontramos grupos tipológicos perfeitamente enquadráveis nas classes 4, 5 e 6 (tigelas, esféricos e globulares). O denominado “Grupo B” do sector A é o grupo morfológico predominante do Sector M – formas com perfis em S acentuados, colos estrangulados, que nas versões com maior capacidade são muitas vezes dotados de decoração no lábio (Fig. 7). Também são comuns bordos espessados externamente, ocorrências residuais no sector A. As novidades prendem-se sobretudo com o aumento significativo das formas de grande capacidade (recipientes de armazenagem), e os pequenos púcaros de perfil em S suave, bem como as asas a arrancar do bordo.

##### 4.3. As decorações

É o universo decorativo que tem, até agora, suscitado o debate teórico mais profícuo. Podemos subdividi-lo em dois grandes grupos – um primeiro de tradição “protocogotas”, com paralelos directos com o Sector A, e que inclui as espigas, aqui em modalidades originais, conjugadas com linhas horizontais paralelas e triângulos; as retículas, uma das quais com vestígios de pasta branca incrustada nos negativos; e ainda os pontilhados (Fig. 8). O segundo grupo, o dos recipientes decorados ‘a pente’ corporiza o elemento-chave para a viagem da cronologia do Sector M um pouco para diante (Fig. 9). Ele corrobora (e sublinha) as ligações com a Meseta Norte, agora em momentos mais recentes. Esta técnica decorativa tem sido considerada “um marcador étnico por excelência do espaço meseteno”, mas, como afirma Marcos Osório, “ainda se



Fig. 7 – Recipientes com correspondência no Sector A - “Grupo B” da tabela de Elsa Luís.

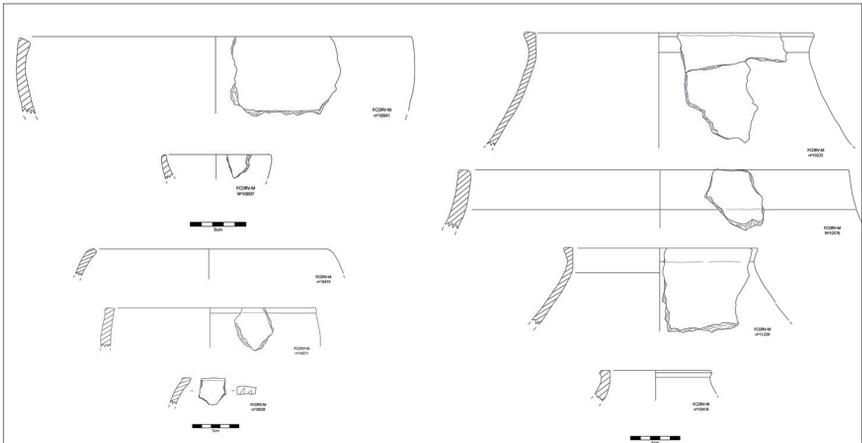


Fig. 8 – Motivos decorativos tipo “protocogotas”, com afinidades no Sector A.

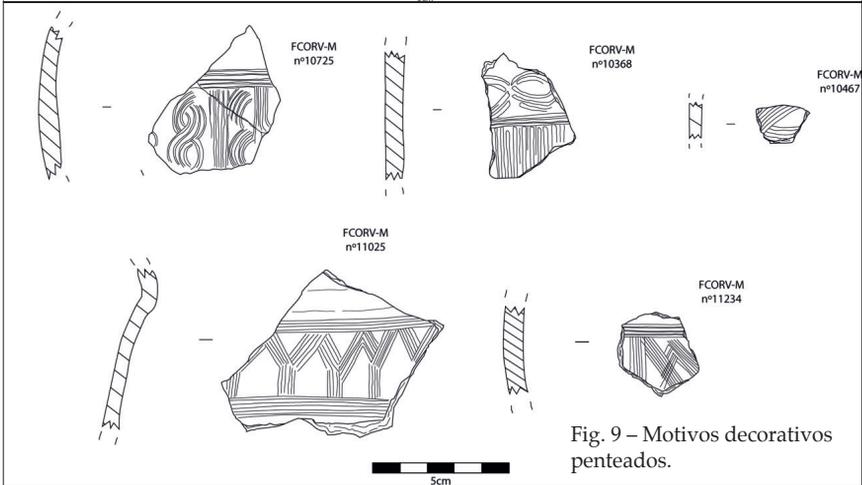
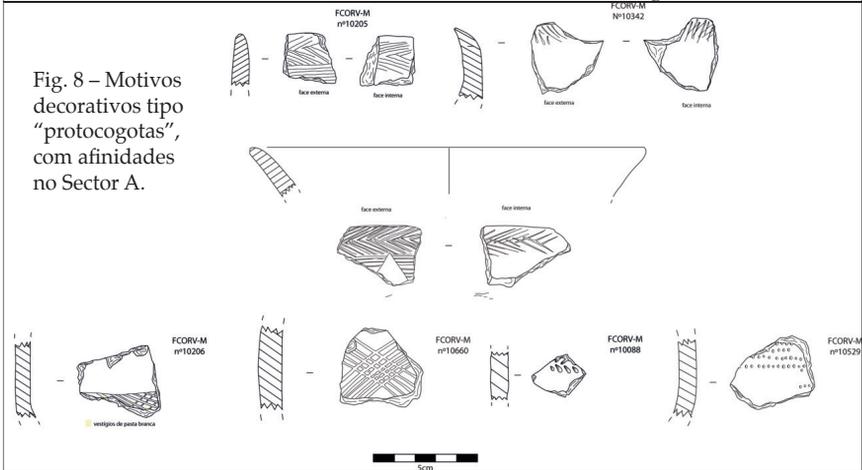


Fig. 9 – Motivos decorativos penteados.

do na estratigrafia de forma indestrinçável. Não podendo prever se existirá uma fase estratigráfica perfeitamente paralelizável com o mundo ‘Cogotas I’, ela parece-nos, neste momento, pouco provável. Aventamos, para já, a possibilidade de uma evolução própria dos modelos decorativos; manutenção dos protótipos “protocogotas”, que passam, num dado momento, a conviver com a nova vaga de influências, corporizadas pelas decorações penteadas. Há, no entanto, que aguardar pelos resultados das próximas campanhas de escavação.

## 5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Em Trás-os-Montes estão estudados sítios da ‘II Idade Ferro’ romanizados como a Terronha do Pinhovelo (Barranhão & Tereso, 2006) ou o Crasto de Palheiros (Sanches, 2008), mas nenhum que conheça o momento transicional que a precede, o que inviabiliza o estabelecimento de paralelos dentro do nosso âmbito regional. Assim, incorporar a Fraga dos Corvos em qualquer etapa cultural estabelecida representa, em si, um risco. Os momentos transicionais são, por definição, momentos de difícil caracterização, e a Fraga dos Corvos é um sítio-chave na compreensão, a um tempo, das dinâmicas económicas, sociais e culturais das comunidades de Trás-os-Montes Oriental entre a Idade do Bronze e a Idade do Ferro, e do efeito das “ondas de choque” culturais emanadas do mundo meseteno, mundo esse que parece ser, com efeito, e nesta época, um pulsante centro de produção cultural. Autores como Delibes de Castro defendem a transição Cogotas I – Soto como o momento de transição de regime de povoamento da Meseta, entre um ritmo de mobilidade plurianual para um perfeitamente sedentário. A Fraga dos Corvos está necessariamente imbricada nesta problemática transicio-

nal, ainda que na periferia destas ondas de choque.

À semelhança do que Maria de Jesus Sanches afirma para a ocupação da Idade do Ferro do Crasto de Palheiros, “Trás-os-Montes conhece uma evolução autónoma, própria e original relativamente às regiões com as quais fazia fronteira. Estudos futuros poderão revelar que esta região não se poderá denominar de periférica mas sim de diferente. Uma região com características diferentes, não tão “brilhantes” mas sem dúvida originais e muito próprias.”

A Fraga dos Corvos surge, acima de tudo, e em conclusão, como espaço de comunidades extremamente conservadoras, que optam por uma adopção selectiva dos modelos externos com que entram em contacto, e que estabelecem relações estreitas e preferenciais com a Meseta Norte.

## 6. BIBLIOGRAFIA

- ÁLVAREZ-SANCHIS, J. (1999) – *Los Vettones*. Madrid: Real Academia de la Historia.
- BARRANHÃO, H.; TERESO, J. (2006) - A Terronha de Pinhovelo na ciuitas zoe-larum: primeira síntese. *Cadernos Terras Quentes*, 3.
- DELIBES DE CASTRO, G.; ROMERO CARNICERO, F. (1992) – El último milénio a.C. en la Cuenca del Duero. Reflexiones sobre la secuencia cultural. *Complutum*, 2-3, pp. 233-258.
- FABIÁN GARCIA, J. (1986-1987)– El Bronce Final y da Edad del Hierro en “El Cerro del Berrueco” (Ávila-Salamanca). *Zephyros - Revista de prehistoria e arqueologia*, nº 39-40. pp. 273-287.
- LUÍS, E. (2010) – *A Primeira Idade do Bronze no Noroeste: o conjunto ceramic da Sondagem 2 do Sítio da Fraga dos Corvos (Macedo de Cavaleiros)*. Dissertação de mestrado apresentada à Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa. Policopiado.
- LUÍS, E.; REPREZAS, J.; SENNA-MARTINEZ, J.C. (2012) – A Fraga dos Corvos (Vilar do Monte, Macedo de Cavaleiros) –Campanha 9(2011). Primeira análise

- comparativa dos Sector A e M – I Idade do Bronze / Bronze Final?. *Cadernos Terras Quentes*, 9.
- OSÓRIO, M. (2005) – Contributos para o estudo do I milénio a.C. no Alto Côa. *Actas das 2ª Jornadas de Património da Beira Interior - Lusitanos e Romanos no Noroeste da Lusitânia*. Guarda, pp. 35-65.
- OSÓRIO, M. (2009) - A Idade do Ferro no Alto Côa: os dados e as problemáticas. In SANABRIA
- MARCOS, Primitivo Javier (Ed). *Lusitanos y vettones. Los pueblos prerromanos en la actual demarcación Beira Baixa - Alto Alentejo – Cáceres* (Memorias; 9). Museo de Cáceres, p. 95-115.
- SANCHES, M. J. (2008) – *O Crasto de Palheiros (Fragada do Crasto, Murça – Portugal)*. Câmara Municipal de Murça.
- SECO VILLAR, M.; TRECEÑO LOSADA, F. (1995) - Perfil arqueológico de un poblado de la Edad de Hierro al sur del Duero – La Mota, Medina del Campo. *Arqueología y Medio ambiente : el primer milenio a. C. en el Duero medio* / coord. por Germán Delibes de Castro, Zoa Escudero Navarro, Fernando Romero Carnicero, Arturo Morales Muñoz. pp. 219-246.
- SENNA-MARTINEZ, J.C.; REPRESAS, J.; LUÍS, E.; FIGUEIREDO, E.; LOPES, F.; GOMES, S.; ARAÚJO, M.F. e SILVA, R.J. (no prelo) – Metal Artefacts of Mediterranean Affiliation from Fraga dos Corvos Habitat Site (Eastern Trás-os-Montes, Portugal): A First Appraisal. *O Arqueólogo Português*. 2012.